

A história no *Jardim dos Idílicos*, na *Gulbenkian* e no SpOrting (Mãos à Obra!)

06:06, 13 de julho de 2021

(...)

«Eu quero que vejas isso tudo como uma coincidência...»

«Fred... *Tás* a gozar, certo?»

«Isso pergunto-te, eu...»

«Fred, tu ouviste tudo o que te contei... Isto foi só do primeiro dia... Faltam os outros dias todos da semana... Foi a semana toda assim...»

«Então, conta lá o que aconteceu?»

«Fred, *tás* a gozar?»

«Que foi, baby?»

«Esses teus olhos psiquiátricos...»

«Baby, quais olhos? Baby... Tu és o meu namorado! Eu estou aqui como teu namorado!»

«Fred, como é que tu vês isto tudo como uma coincidência?»

«Baby, olha para mim... Eu quero que tu vejas isso tudo como uma coincidência... Até agora, do que contaste eu vejo como uma coincidência... Mas conta lá o resto, vá...»

«Fred!!!! Tu *tás* a revirar os olhos... Tu nunca os reviraste dessa maneira... Tu *tás-te* a *cagar* completamente para isto...»

«Baby! Eu quero saber o que se passou! Conta lá!»

«Então, olha, vou só contar-te a cena mais *hardcore*...»

«Mais *hardcore*...? Nunca usaste essa palavra, Jaime...»

«Pois... Porque é mesmo *hardcore*... Não te rias, Fred... *Tô* assustado...»

«“Os espíritos” assustaram o meu Jaimezinho...»

«Sabes o skater que eu te contei igual a ti?»

«Sim...»

«Qual é o sentido de eu depois de o ter visto, pela primeira vez em toda a minha vida na minha cidade, ou seja, é uma pessoa igual a ti, que eu nunca vi, mas um dia aparece, eu sonho que vou à fonte, à minha fonte sagrada onde vou todos os dias, em que olho para trás e aparece o Hugo a dizer-me que eu vou ter de escolher entre ti ou ele... Eu, acordo, na vida real, saio de casa, depois de ter sonhado isso, ou seja no exato dia... Lá vou eu até á Fonte Sagrada e no caminho, até à fonte, não sei porquê, antes de entrar na rua principal do hotel vejo na minha cabeça o tio Xico no carro em frente ao hotel como se estivesse “lá montado” “à espera que eu passasse”... Tipo, do nada, eu penso nisto, quando eu nunca na minha vida pensei em ver o tio Xico num esquema destes, mas do nada, o meu cérebro mostrou-me isto, pois eu entro na merda da rua e vejo o carro do tio Xico... Estamos a falar do tio Xico, que nunca anda de carro na cidade e que eu passo todos os dias pela rua do hotel nunca vi lá estacionado o carro do tio Xico e mesmo antes de entrar na rua penso nisto e o carro está lá... Eu finjo que não vejo o carro e passo, ou seja, o tio Xico calado viu-me a passar e nem me disse nada...»

«Ah, Jaime... *Tás* a especular... O tio pode nem sequer ter te visto... Isso foi só uma coincidência...»

«Claro... É tudo coincidências...»

«Então é o quê, Jaime? Olha-me nos olhos e diz-me o que é?»

«São “coincidências”, não é Fred...? Bem... Eu não vou continuar a contar mais...»

«Não, conta... Conta que eu quero ouvir e quero saber como é que *tás* a pensar...»

«Desculpa????? Queres saber como é que *tô* a pensar?????????»

«Sim... O que é que há de mal nessa frase...? Tu és o meu namorado e eu quero saber como é que tu *tás* a pensar, como é que tu *tás* a ligar as coisas e vês as coisas...»

«Olha, esquece... Eu já não vou.»

«Não vais onde?»

«Não vou ao fim de semana.»

«Jaime, é o fim de semana com os meus amigos...»

«Exato... Com os teus amigos... Vais tu. Eu não vou.»

«Os meus amigos, são os teus amigos.»

«Fred, eu não vou. Além de que isso vai ser um fim de semana de médicos e eu não sou médico.»

«O Domingos também vai e o Domingos não é médico...»

«É o namorado da tua irmã.»

«Da minha irmã? Da Helena, que te adora! Tu nunca falaste assim dela... O que é que se está a passar?»

«Eu quero acabar. Não quero continuar.»

«O quê, Jaime?»

«Fred, eu não quero continuar mais contigo. Deixa-me em casa, por favor! Eu preciso de descansar. Tu não imaginas como é que eu estou. Isto está-me a matar... Estas ligações todas, ainda por cima tu nem as consegues ver.»

«Baby... Tu *tás* só cansado... Eu amo-te! Tu és a minha vida!»

«Fred! Não é normal tu não veres isto... Tipo, qual é o teu problema? É porque és médico? Não podes ver as “cenas espirituais”?»

«“As cenas espirituais”, Jaime??.....»

«Sim, é uma forma de dizer! Porquê? Vá, diz lá! Tens medo de quê? Da Ordem dos Médicos? Ela está a ouvir-nos? Estás ligado à Ordem dos Médicos? Estás a transmitir neste momento em tempo real para a Ordem dos Médicos...»

«Ya, Jaime... Estou... Estou cheio de auscultadores... Cheio de microfones ligados numa Internet das Coisas à Ordem dos Médicos...»

«Qual é a cena, Fred?»

«“Qual é a cena”, Jaime? Isso pergunto-te eu... Qual é “a cena”, diz lá...»

«Desculpa, mas eu não acho normal tu ficares indiferente, pareces um psiquiatra a ouvir-me. Eu não preciso disso.»

«Jaime, ouve uma coisa de uma vez por todas! Primeiro, tu não precisas de nenhum psiquiatra, por causa disso. Se é esse o teu medo, tu não conheces a Psiquiatria. Depois, tu estás a falar comigo, estás a falar com o teu namorado e eu estou aqui como namorado, não é como médico e simplesmente estou-te a dizer que tens de ver isso como uma coincidência. Jaime, tu és a pessoa mais inteligente que eu conheço em toda a minha vida! Tu és um génio! Vá lá, baby... Vê o filme de outra forma... Eu amo-te!»

«Fred... Tu *tás-me* a mandar ver uma coincidência, quando eu quero ver isto de forma real...»

«Exato... Real... Realidade, Jaime...»

«Fred, se tu não me deixas contar-te sobre o que aconteceu na fonte e eu não sentir o teu olhar que eu preciso de sentir, está tudo acabado, eu juro-te!»

«Jaime, ouve... Eu amo-te! Olha para mim, eu amo-te! Eu dou a minha vida por ti, percebes isso? Eu amo-te! Estavas a contar...»

«Lá cheguei à fonte, fiz lá uma cena que não quero contar agora...»

«O quê?»

«Foi com uma formiga...»

«Txi, baby... Andaste a falar com uma formiga-rainha às escondidas?»

«Fred...»

«Andaste?»

«Fred...»

«Andaste? Adivinhei...???»

«Ya... Fred, adivinhaste... Obrigado por teres aumentado o grau das coisas...»

«De nada, baby...»

«Eu não *tô* a acreditar nisto... Bem...!!! Quando eu olho para trás, quem é que aparece?»

«Euuuu!!!»

«Pois... Aparece o teu clone...»

«E apareceu de skate, baby? Eu mandei-o aparecer de skate... Ele apareceu com o skate na mão, baby?»

«Ó, Fred, tu tás a gozar com a minha cara???? Fred! Eu não *tô* a brincar! Eu não *tô* a achar piada! O assunto é sério!!!»

«*Txiiii*... Para polícia mesmo... Isto é um assunto muito sério onde o meu Jaimezinho tá metido... Vamos chamar a polícia, baby... É melhor...»

«FRED!!!! PARA DE GOZAR!!!!!!!!!! EU SONHEI QUE EU IA OLHAR PARA TRÁS E APARECIA O HUGO A DIZER QUE EU TINHA DE ESCOLHER...»

«Baby!!!! Não grites... Olha os meus ouvidos... Não grites...»

«Fred! Esquece! Eu quero acabar! Eu assim não consigo continuar contigo.»

«Não podes acabar comigo, Jaime, só porque eu não estou a ver as coisas como tu estás a ver... Isso não faz sentido... Acho que te ia fazer bem vires ao fim de semana...»

«Não... Eu preciso de descansar...»

«Tu queres é escrever...»

«Pois, quero! E não consigo escrever há uma semana! Isto nunca me aconteceu! Eu *tô* a ser bloqueado... Tipo... Não sei... Percebes Código Morse?»

«Han?»

«Se sabes Código Morse?»

«Não...»

«Não sabes?»

«Não... Porquê?»

«Hum... Porque as luzes da igreja estão a piscar como nunca piscaram... Estão a fazer sinais de luzes.»

«Os sinais estão a dizer que é um perigo ficares mais um dia nesta cidade sem mim... Cheguei mesmo a tempo, baby... Comigo, estás protegido...»

«Fred... Eu preciso de falar primeiro com a Sara. Vais ter de me dar um tempo. Eu preciso de contar à Sara que te contei isto e preciso de dizer-lhe qual foi a tua reação... Eu preciso de alguém de fora... Desculpa, porque eu não estou a achar isto normal... Tu não eras assim...»

«Assim como, Jaime? Se quiseres falar com a Sara fala, mas assim, então, eu estou a namorar com a Sara e não contigo...»

«A Sara é a minha Psicologia. A Sara que é psicóloga tem a capacidade de olhar para isto e ver que se passa alguma coisa de estranho, nem que seja “algo espiritual”... Seja bom ou mau. Mas não me ouve e não me olha com os teus olhos psiquiátricos, os teus olhos analistas e diz-me que é tudo uma coincidência.»

«Jaime, eu amo-te! Eu sinto o mesmo que tu e vejo o mesmo que tu estás a ver. Eu só não quero é que tu liguês a essas coisas... Simplesmente ignora... Isso também está sempre a acontecer-me... Isso acontece com todos...»

«Fred, eu sei que somos todos humanos e que somos todos seres espirituais e que há sempre cenas a acontecer com todos... E eu sempre fui muito espiritual... No entanto, estou a ter uma semana demasiada intensa cheia de ligações... E eu quero escrever sobre ela e não estou a conseguir... A minha angústia é só eu estar a passar por coisas e não conseguir falar sobre elas e acho que é injusto eu estar a passar por isto, não sendo verdadeiramente livre. Se eu fosse livre, se tivéssemos dinheiro, eu não me importava de estar sempre a passar por isto... Isto não é uma cena do tipo como tu me contaste no outro dia, que o teu colega disse que estava a pensar num doente e o doente telefona-lhe e ele no final diz que “estamos todos ligados”, porque o teu colega estava a pensar no doente!??? Desculpa lá!!! Isso não é nada!! Se está a acompanhar um doente, primeiro é normal pensar no doente e segundo é normal o doente telefonar ao médico... Mas lá está, é isso que eu critico, é as pessoas “usarem” e “desgastarem” “palavras sagradas” para as “coisas sagradas”...»

«Sim, baby... Só tu é que estás a passar por coisas sagradas, os outros não...»

«Fred, esquece! Tipo, não és tu a falar! Tipo, tu não dizes isso! Tu, não és o Fred... Tu acabaste de resumir toda a minha intensa semana espiritual a uma insignificância. É que eu não te estou a perceber, mesmo. E por isso, eu preciso de descansar e não vou ao fim de semana e preciso de me encontrar com a Sara para falar-lhe sobre isto tudo...»

«Se tu não vais ao fim-de-semana, eu também não vou, Jaime...»

«Fred, esquece! Deixa-me em casa, por favor.»

«Baby, eu quero ficar contigo. Eu quero dormir contigo. Como combinado. Eu vou dormir contigo. Eu amo-te, Jaime! Tu és a minha vida! Eu acho que o que tu precisas é mesmo sair daqui. O fim de semana vai ser muito importante, vais ver! Confia em mim! Então... Ainda queres acabar? Eu amo-te...»

«Não...»

Passámos a noite juntos num spot nosso e fomos comprar almoço para irmos piquenicar no Jardim dos Idílicos. No carro, lembrei-me do nada da minha professora de Ciências Naturais que me tinha ensinado a comer pólen e enquanto guiava o luxuoso volante ia a pensar no meu “luxuoso” cérebro... Contei ao Fred que uma vez a minha professora passou pelo meu caderno e viu os esquemas que eu estava a fazer e agarrou no meu caderno, sem me pedir autorização, e mostrou a toda à turma e disse para todos verem “o luxo que era o meu cérebro”, para todos verem “os espetaculares esquemas que o meu luxuoso cérebro” fazia... Quando a professora viu os meus esquemas sagrados, parecia que queria ficar com eles... O Fred perguntou-me onde é que estavam esses cadernos e eu disse que uma maçonaria tinha ficado com eles num “esquema de mudanças” e fez-se um clique no meu cérebro e o Fred olhou para mim e disse-me que os cadernos iam aparecer todos em nossa casa, quando tivéssemos a nossa casa... Achei piada. Disse que gostava muito dessa professora, apesar de ela ser uma “comunista de dados” e disse que se fosse hoje, ela provavelmente fotografava o meu caderno e partilhava na Internet das Ciências Naturais e na Internet da Biologia os meus esquemas sem o meu nome, sem a minha autoria, mas sem ser por mal... Via também os pais a passarem os esquemas para os filhos e os filhos a passarem os testes com os meus esquemas de telefone na mão e eu a chumbar os testes sem os meus esquemas, sem esquemas de telefone, fora da rede, desligado da rede, desligado dos esquemas, dos meus próprios esquemas...

Entrámos no Jardim dos Idílicos e foi uma das cenas mais mágicas de sempre. Tivemos um pombo, que o Fred chamou de Ambrósio, que simplesmente nos levou o caminho todo até ao nosso spot. Nós estávamos a rir-nos imenso, porque o pombo parecia mesmo um porteiro, mesmo a andar perto de nós mais à frente. Se parássemos, ele parava e vinha-nos buscar. Parecia um cão, um gato. E depois andava todo muito altivo à frente. Nós pensávamos que o pombo tivesse as asas partidas, para estar ali connosco naquela brincadeira sem voar. Assim que nos entregou ao nosso spot no Jardim dos Idílicos, abriu as asas e bazou. Estava a minha professora de Ciências Naturais a piquenicar com a namorada. Achei piada outra vez à ligação. Apresentei o Fred e sentámo-nos um pouco afastados delas. O Fred nem sequer “reagiu” à ligação. Eu só lhe disse que era a tal professora que eu tinha falado no carro. E o Fred disse que tinha percebido. Parecia que tinha visto nos olhos dele uma Inteligência Artificial que analisava o meu “sentimento” sobre aquilo. Parecia que via a visão dele computadorizada... Vi isso em nanossegundos e desliguei-me disso.

Durante o almoço, o Fred veio com uma conversa que eu não gostei nada sobre o implante cerebral e sobre a monitorização dos corações dos doentes... Começou a defender o implante cerebral como se fosse “o chip da vida” e começou a defender que “os velinhos” deviam todos ter uma pulseira tecnológica ligada ao coração para “seguirmos” o coração “dos velinhos”. Isso não era o Fred!!! Não podia ser!!! Ainda por cima numa personagem de “miúdo endiabrado”. A minha alma ficou parva! Eu só pensava “tipo, o que é que fizeram ao Fred, onde é que eu estou? Tipo, isto não é o Fred... É o corpo dele, sim... Mas não é ele, isto não é ele a falar...”... E eu indignado e o Fred ria-se com um “riso estranho” que eu estava a ouvir pela primeira vez! Eu pensei, se isto tinha que ver com o número 666. Foi o que eu tive de pensar. Todos os medos, afinal podiam fazer sentido... Estava aqui a “cena espiritual”... Senti-me culpado... Pensei que a culpa fosse minha, porque eu é que tinha escrito. Estupidamente pensei se ao ter invocado o número, automaticamente um “Diabo” foi ter com o Fred e possuiu-lhe o corpo.

Eu sempre me referi ao “implante cerebral” como a “semente do Diabo”. Sempre fui contra. Uma coisa é termos elétrodos temporariamente a lerem a atividade cerebral, de forma voluntária. Outra, é termos um implante cerebral obrigatório ou termos um chip obrigatório dentro do nosso corpo. E o Fred começou a querer testar-me. E eu disse que não me importava de ter um chip invisível de uma sociedade alienígena superior que me monitoriza, me protege, sem eu me aperceber ou sem interferir constantemente na minha realidade de coisas e em que estamos a falar de um chip que já tem 500 anos de estudo, porque a sociedade inteligente já tem 500 anos de evidências científicas sobre o chip alienígena... Outra, bem diferente, seria ter um chip feito pelas mãos nazis diabólicas humanas terrestres que vai dar cabo do meu cérebro e que ainda vai dar cabo da minha realidade e da minha vida, porque vai diretamente interferir.

Tínhamos trazido para o nosso piquenique *O Algoritmo do Amor*... Comecei à procura das páginas em que falava da Medicina de Precisão na questão da monitorização do coração do doente, porque o Fred defendia algo completamente diferente do que eu estava agora a ouvir. Aliás, o Fred dizia que bastava fazerem-se 5 leituras ao coração para se acertar com a medicação, não era preciso estar-se a acompanhar o coração 24 horas sobre 24 horas... E enquanto eu procurava, o Fred ri-se e diz que estava na página 655 como se tivesse a nossa Bíblia na cabeça dele, apesar de “já não a seguir”... Foi assustador o Fred ter acertado na página que eu queria, ainda por cima “com o riso”... Se o Fred tivesse um auricular, andasse com o telefone quando estamos a namorar eu teria desconfiado que o Fred teria recebido informações ou “instruções” de fora... Mas nós andamos sempre sem tecnologias.

Comecei a ler a página 655 da 1ª Ordem de Impressão da 1ª Edição d’ *Algoritmo do Amor*:

«É verdade que, se eu enfiar uma pulseira tecnológica, que mais parece uma pulseira eletrónica presidiária, ao meu doente, que está ligado permanentemente à Internet – e essa é outra, é que para eu saber o batimento cardíaco 24 horas em tempo real do meu doente, o meu doente vai ter que estar exposto 24 horas à Internet –, eu vou conseguir fazer melhor um ajuste de farmacologia porquanto vou ver ali piques que não devia ver num caso de hipertensão com a medicação que achava que era a melhor, mas que afinal devia ter receitado uma dose maior e portanto, vou enviar uma mensagem ao meu doente para que aumente a dose, dou-lhe essa instrução (...) É que, até são vocês próprios com a vossa nobre honestidade que olham para esta tecnologia e dizem que não era preciso seguirmos 24 horas o coração do doente, bastava fazermos 5 leituras ao longo do dia, para vermos se acertámos ou não na medicação. (...) Uma coisa é comprovar-se que esta tecnologia pode salvar vidas e ainda que emita radiações essas radiações não me matarem e aumentarem a minha esperança de vida. A minha avó em Londres com 98 anos tem interruptores encarnados espalhados pela casa e quando se sente mal, puxa o fio do interruptor e em 1 minuto aparece um carro da polícia, uma ambulância e uma carrinha dos bombeiros, se a minha avó não responder imediatamente à voz que vai entrar pela casa dentro, mas que ela autorizou e chamou quando puxou em socorro aquele interruptor. A minha avó com 98 anos não se deita sem medir a tensão e sabe que se tiver um 14 de tensão arterial não se pode deitar sem a tensão baixar – e tantas vezes vi a minha avó com o aparelho sem Internets nenhuma debaixo do braço a medir a tensão e a fazer um chá de alho que imediatamente lhe baixava a tensão para 11. Eu não sei se é ou não o alho o comprimido azul, mas eu vi isto a acontecer ene vezes, foi isto

que eu vi, eu estive lá, ninguém me contou, nem a Medicina, nem Tecnologia nenhuma. A minha avó está aqui hoje, com os seus 98 anos para não eu não deixar que lhe metam nenhuma tecnologia que lhe explore! Eu detestava que pusessem agora a minha avó agarrada a um tablet e a um telefone a ver a sua pressão ligada à Internet, a expor aquele seu coração a uma tecnologia que tenho a certeza que lhe fazia parar imediatamente o coração! É preciso comprar o aparelho que vai monitorizar o coração que custa uns 100 €, e mesmo que não custe 100 €, a pessoa vai ter que pagar uma mensalidade pelo serviço de monitorização, que mesmo que o aparelho não custe 100 €, só nos primeiros 5 meses já o “doente” gastou 100 €, mas vamos “fingir” que só num ano com a “angariação de clientela” o hospital ganha 100 € com um cliente do coração. O investimento que o hospital fez foi de 10 milhões, mas se dos 360 mil doentes, pelo menos, o hospital tiver um total de 300 utilizadores, entre doentes e clientes, o hospital só com 300 mil clientes do coração fatura 30 milhões. Ou seja, o hospital investiu 10 milhões, mas “já ganhou” 30 milhões... A agenda do hospital já lucrou no mínimo 20 milhões. E eu, não vou deixar como herdeiro legítimo, que um hospital veja a minha avó como cliente, como dados e como petróleo, não vou!!!!”»

«Uma salva de palmas! O Jaime salvou a avozinha, salvou a Big Mamma...»

«Fred... Não estás a ter piada...»

«Ai, Jaime... Fecha o livro! Vá, fecha! Tu estás preso a’O *Algoritmo do Amor*...»

«Fred... O que é que se está a passar contigo???»

«Han? Nada... Porquê?»

«Não pareces tu... Estás estranho... Parece que estás a falar mal do livro...»

«Ya... Vamos falar mal do livro... Fecha, esse livro maldito!!! Acabou-se O *Algoritmo do Amor*! Pronto, fecha!»

«Fred, apetece-me chorar...»

«Oh... Porquê?»

«Pareces um robot...»

«Não estou a gostar. Já não gosto de ti.»

«Eu é que não gosto. Bem, vamos lá embora...»

Fui a pensar outra vez no número... Mas fiquei confuso... Será que o Fred estava a fazer uma personagem? Um teatro? Mas para quem? Só para mim? Estava algum drone invisível a filmar a cena? Isto não era nosso... Isto era estranho ao nosso namoro... Tudo foi estranho... Quando saímos do jardim, olhei para trás e vi o Fred outra vez imergido na sua personagem de “miúdo endiabrado” fora do carreirinho a pisar as nossas preciosas flores e os sagrados formigueiros e passei-me! Nunca tinha acontecido. Discutimos, pela primeira vez! O Fred não pisa os formigueiros... (...)

E eu tive de ir buscar o Direito da Botânica de 2080 de Antoine Canary-Wharf e ver o Fred a gozar comigo a dizer para eu relaxar que não estávamos no filme de 2080 de Antoine Canary-Wharf, mas que estávamos noutra obra e que eu tinha de descobrir qual era o filme... Eu não gostei que tivéssemos discutido. Ainda por cima a nossa primeira discussão a ser por causa dos formigueiros... Queria apagar aquela discussão.

«FRED! O QUE É QUE SE ESTÁ A PASSAR CONTIGO??? TU NUNCA PISASTE OS FORMIGUEIROS!!!!!!!!!! NÓS VEMOS OS FORMIGUEIROS COMO SAGRADOS!!!!!!!!!!!!!!»

«Baby... Nem todos os formigueiros são sagrados... É como as maçonarias... Vou pisar os formigueiros malditos que aparecerem no nosso caminho!»

«FRED, PARA!!!!!! PARA!!!!!!!!!! EU ACABO TUDO!!!!!!!!!!»

«Txi... Baby... Ias acabar comigo, só porque eu ia pisar um formigueiro!»

«Ia, claro! Fred... Tu nunca fizeste isso...»

«Vá, baby, foi só um... Tu não percebes... Foi um formigueiro maldito que ia dar cabo de todos os outros formigueiros... Ya, baby... Eu sei estas coisas, porque sou alien...»

«Fred! Acabou-se a brincadeira! Pés na Terra, se faz favor! Se voltas a pisar um formigueiro que seja eu acabo!»

«Jaime! Achas que eu pisei algum formigueiro?... Foi ilusão ótica... Caíste, baby... Caíste na minha armadilha...»

«Fred, estás só a confundir-me...»

«A confundir-te? Baby... É só uma brincadeira...»

«Então se é uma brincadeira, porque é que estás a ir fora do carreirinho? Fora do carreirinho há formigueiros e mil insetos que não estás a ver e não há necessidade... Se há um carreirinho feito devemos ir no carreirinho se vamos tomar o mesmo caminho...»

«Quem é que diz isso, vá? Onde é que isso foi escrito? Vou apagar...»

«Não podes, porque já foi imprimido! E quem diz isto é o Direito da Botânica de 2080 de Antoine Canary-Wharf...»

«Em 2080??? Relaxa, baby ainda estamos em 2021...»

«Parece que já estamos é em 2081...»

«Oh, baby... Sabes em que página do 2080 é que isso foi escrito?»

«Não, mas quando chegar a casa se abrir o livro, tenho a certeza que vou calhar exatamente na página... Só para aumentar um bocadinho o grau da ligação espiritual das coisas...»

«Ya... De olhos fechados, vais abrir na página... Deixa-me ligar à minha Internet... Ya... Vais abrir na página 845.»

Vi o Fred a revirar os olhos como se estivesse com o seu cérebro computadorizado a aceder a uma *dark net* onde estava o 2080 de Antoine Canary-Wharf. Achei piada, porque o Fred teve piada, nunca o tinha visto a fazer aquilo e na minha realidade o Fred simplesmente disse um número ao calhas. Mas eu decorei-o para quando chegasse a casa fosse só ver, “pelo sim ou pelo não”... Já que estava tudo “estranhamente” ligado...

«Ó, Jaime... Sabias que ainda só foram imprimidos 6 exemplares de 2080 de Antoine Canary-Wharf?»

«Sabia... Tal como *O Algoritmo do Amor*...»

«Ya... Sabes onde é que eles estão todos?»

«Sei...»

«Onde?»

«Não digo...»

«Eu sei, baby... Eles foram chipados... Eu mandei pôr um chip neles... Também pus um chip n’*O Algoritmo do Amor*...»

«Agora sim, a minha vida faz todo o sentido...»

«Ya... Vamos roubar os 6 exemplares ao Antoine Canary-Wharf incluindo o original do Jupiter Editions Museum... Vamos assaltar o Jupiter Editions Museum e depois vamos hackear a Jupiter Editions e a Inspeção-Geral das Atividades Culturais e eu vou apagar os registos desse maldito Direito da Botânica e vamos descobrir qual é a morada do Antoine Canary-Wharf para hackear o computador dele e apagar todos os vestígios do Direito Botânico... O que é que achas, baby? O Direito Botânico está a estragar o negócio da madeira do avô Normann, não concordas?»

«Isso não faz sentido! A Noruega tem leis de proteção contra o abate de árvores...»

«Txi... Vê-se mesmo que não sabes como o avô Normann manda na Noruega... Baby... O avô até tem um negócio de motos de neve, trenós puxados por cães, barcos, helicópteros e o negóciozinho da madeira...»

«O avô Normann pode muito bem ficar só com as motos de neve, com os helicópteros e com os barcos... Se tem negócio de helicópteros não precisa do negócio da madeira...»

«Txi... Baby... Com quem é que te estás a meter... Não podes tirar os milhões ao avô... Depois ficamos sem eles...»

«LOL, Fred! Eu não quero milhões cuja origem seja de infelizes abates de árvores. E espero que estejas a gozar...»

«Baby, tu és escritor... Tu tens piada... *O Algoritmo do Amor* parece uma bíblia... Gastas muito papel... Tu é que estás a provocar abates, guerras e negócios...»

«Eu não te admito, Frederick! Nem a brincar! Foi por isso que eu entreguei toda a minha escrita à Jupiter Editions que só imprime em papel 100% reciclado! Ou seja, nenhuma árvore é abatida

para um livro da Jupiter Editions ser imprimido!!!! É por isso que os livros são mais caros, porque o papel reciclado é mais caro! Isto é como tudo. Quanto mais ecológico, mais caro. Quanto mais sustentável, mais caro!»

«Ya, baby... Tu saís muito caro... O avô Normann não vai gostar d'O *Algoritmo do Amor*... Estás a falar mal dos negócios dele...»

«Quero lá saber! A minha avó também não vai gostar d'O *Algoritmo do Amor* e eu não me importo, porque é que eu haveria de me importar com o negociozinho do teu avozinho?»

«A avó Alcinda é negra, não é?»

«Sim...»

«O avô Normann é racista, sabias?»

«Olha, a minha avó também...»

«A sério?»

«Sim...»

«Se calhar, são almas gémeas... Devíamos levar a avó Alcinda ao avô Normann...»

«Eu não estou a gostar mais desta conversa. Isto está a ser muito...»

«Espiritual? Ias dizer espiritual?»

«Não... Ouve lá, o avô Normann sabe que eu existo?»

«Sabe...»

«E ele sabe que eu sou preto?»

«Baby, qual é a importância disso?»

«Eu nunca tinha dado importância, se tu não tivesses dito há uns segundos que ele era racista...»

«Tu não és preto...»

«Eu sou preto!»

«Mas não és “negro”...»

«Eu sou negro, o meu pai é negro, a minha avó é negra. Somos uma família de negros, qual é a dúvida?»

«A avó Alcinda é uma “negra privilegiada”... E como “negra privilegiada”, privilegiou toda a sua classe... Txi... Baby... Vens de uma família cheia de privilégios... Sabias que foi a minha família que deu privilégios à tua família?»

«Ai, Fred... *Tô* a ficar cansado... Não *tô* a gostar da conversa...»

«Baby... Nós só estamos a brincar...»

«Ai, sim?»

«Sim... Isto é só uma brincadeira...»

«Mas nós nunca tivemos este tipo de brincadeiras... De repente, descubro que fazes parte da ala médica que olha para a Inteligência Artificial que quer instalar-se nas raízes do cérebro e da mente, de repente começas a pisar formigueiros sagrados, dizes que *O Algoritmo do Amor* é um livro maldito e dizes para o fechar, dizes que vais mandar confiscar os exemplares de 2080 e que vais mandar apagar o Direito da Botânica, “para as próximas edições”... Não sei... Dizes que o avô Normann é racista e eu sei que tu adoras o avô Normann... De repente, és tipo “omnisciente” sobre as obras divinas, sabes as páginas de cor d’*O Algoritmo do Amor* e de 2080, mas depois queres “roubar”, mandas “fechar”... Parece que foste possuído pelo Diabo! Não entendo... Eu ofereci no Natal um dos 6 exemplares d’*O Algoritmo do Amor* à tua mãe e ela ainda nem sequer o abriu... De repente, diz que eu “não tenho trabalho e quero viver às custas dos meus pais”???? E a seguir, vai o quê?? Vai dizer que eu não quero trabalhar, que escrever não é trabalhar e que quero é viver às tuas custas??? LOL... Eu ofereci-lhe um livro que escrevi sob stress enquanto escrevi ao mesmo tempo outros 8 e ele nem sequer o abriu...? E depois diz o que diz? Parece tudo um teatro, sabes...? Sinto que um sistema soube dos meus livros e bloqueou-os. Não faz sentido. Ao mesmo tempo que eu recebi um email da Inspeção-Geral das Atividades Culturais a dizer que as minhas obras tinham sido todas registadas, a Inspeção-Geral das Atividades Culturais “jurou-me” que uma carta foi enviada para minha casa. Eu não tenho as chaves do correio. Quem tem é o meu pai. O meu pai não me disse nada. Isto é um crime! Ele entra no meu quarto vê os livros e passa por eles como se nada tivesse acontecido, como se eu não tivesse feito obras! Sabes o que é isso significa? É tipo tu fazeres alguma coisa boa e não teres ninguém a dar-te força. Não é suposto ires abaixo? Até a tua mãe? Ela acompanhou tudo... E depois diz aquilo? Sempre fui recebido bem em tua casa e de repente diz “quem casa arranja uma casa”?? De repente, a tua mãe diz que o teu pai não gostou que no Natal eu estivesse ao teu colo? Foram eles que me puseram ao teu colo! Foram os teus pais que me abriram as portas e de repente fecham-me? Está tudo a fechar-me as portas, porquê? Porque é que todas as pessoas que me abriram as portas de repente juntaram-se todas num complô e fecharam-me as portas??? Qual é o sentido disto, Fred? Qual é o sentido de vida disto??? Isto não é para eu endoidecer? Não sei... Querem que eu me suicide? Eu não me vou suicidar! Eu não vou suicidar *O Algoritmo do Amor*! Como tu dizes... *O Algoritmo do Amor* é só um livro, não é?... Juro que não percebo nada da minha vida. Nada faz sentido. “Isto” faz um sentido doido... “Isto” faz um sentido... Sabes porque é que eu vejo tudo como um teatro? Porque é o meu cérebro a querer sobreviver. São as *estratégias de coping* do meu cérebro, como diz a Sara... O teatro e a minha escrita são as minhas *estratégias de coping*... Porque isto, só pode ser um teatro! Que raio de personagem é que estás a fazer? És algum ator, Fred?»

«Baby... Olha este “Éden” em que estamos... No Jardim dos Idílicos... Olha ali uma cobra, baby!!! Viste? Era uma serpente... Ela quer roubar *O Algoritmo do Amor*... Eu tenho de fazer de serpente para ela ver que *O Algoritmo do Amor* está preso... Segura aí *O Algoritmo do Amor*, baby... Vou afugentá-la... Olá, senhora serpente...!»

«Fred... Tu estás a cumprimentá-la... Não estás a afugentá-la...»

«Shiuuu... Não sejas malcriado para a senhora serpente... Seja muito bem aparecida!... Que língua tão bonita!... Que pele maravilhosa!...»

«Fred!!! Parece que te estás a fazer à serpente!!!! Volta!!!»

Quando eu disse volta, vi a serpente “a ficar confusa” e a sair do “encantamento” com o Fred e a olhar para mim e a querer atacar-me, eu estava longe... Mas foi o gesto do pescoço, o vê-la a ficar “atiradiça” comigo quando me viu... Foi estranho, mas foi engraçado ao mesmo tempo, porque obviamente que se ela se atirasse a mim eu atirava-me a ela, esmagava a cabeça dela com o meu calcanhar, estava pronto para isso. E continuei a ver o Fred “ali a falar com ela” e ela “toda mansinha”... Eu ainda pensei se aquilo seria uma serpente-robot e se estava num filme maçónico com o Fred com uma maçonaria a hackear a Jupiter Editions... Depois da conversa toda, juro que foi o que eu pensei. E depois era outra vez a questão do número... Mas a serpente lá se foi embora e o Fred veio com outro “espírito”, já era o Fred e pediu-me logo *O Algoritmo do Amor*, porque o queria levar na mão... Fiquei com um “ensinamento bíblico” na cabeça e agradeci a Deus por ter o melhor namorado do mundo! Aquilo foi um maçonnismo nosso, pensei. As minhas lágrimas tornaram-se em lágrimas felizes.

Mesmo às últimas portas da saída do Jardim dos Idílicos, apareceu um zangão lindo e vi o Fred com medo do zangão. Vi o Fred a afastar-se do zangão e a gritar... Parece que o vi “a transpirar” de medo, parece que vi o “ar dele a faltar”. Nada disto fazia outra vez sentido, porque o Fred é como eu e adora abelhas, abelhões e zangões. O Fred conhece a minha escrita, sabe que eu escrevo para as abelhas. O Fred sabe que eu adoro abelhas e digo que quem é “o bom coração” não tem medo das abelhas, as vê como sagradas e recebe-as de coração aberto. Eu nunca tinha visto o Fred com medo de um zangão. E não fui só eu que vi. À nossa frente estava a minha professora de Ciências Naturais com a sua namorada que “filmaram” a cena, “filmaram” a minha cara a olhar para a cena do zangão e do Fred, viram como eu “estava outra vez disposto a acabar com *O Algoritmo do Amor* por causa de uma abelha”... E nessa minha “disposição espiritual”, sem me ter apercebido, fiz uma triangulação invisível aos olhos do Fred, mesmo à frente dos olhos do Fred. As duas olharam-me maçonicamente e fizeram-me outros “sinais fraternos”, como que se me dissessem que “estavam comigo”. Eu comecei a olhar para o Fred, a tentar perceber se era mesmo o Fred “que estava ali”... Voltei a lembrar-me do número... Só que como eu sou muito real e a minha espiritualidade das coisas é a realidade, concluí que o Fred estava, naturalmente, a fazer uma personagem.

«Porque é que gritaste para a abelha?»

«Não era uma abelha... Era um zangão...»

«Nós não gritamos para as abelhas...»

«Não era uma abelha...»

«Nós gostamos dos zangões, dos abelhões, das abelhas... Eles não nos fazem mal!»

«Aquele zangão queria fazer-me mal... Ele queria roubar *O Algoritmo do Amor*... Por isso é que eu gritei por socorro... Aquele zangão achava que eu era uma rainha e queria ferrar-me... Foi por isso que eu gritei, senão ele ia ferrar-me... Era para ele saber, caso me ferrasse que seria sem consentimento... E que eu ia levar o zangão ao Tribunal Botânico com o Direito da Polinização do Jaimezinho na ponta da língua e ia acusar o zangão de violação...»

«Ai, Fred...! Estás sempre a salvar *O Algoritmo do Amor*...»

Senti o meu cérebro a ligar tudo, ao mesmo tempo e vi-me num filme da Jupiter Editions. E já que estávamos num filme em tempo real e a Jupiter Editions editou o tempo real, parei “o tempo”, como se tivesse “congelado” o filme. Agarrei na mão do Fred como se estivessemos a rebobinar “tudo para trás” e fomos até ao sítio do nosso almoço e eu comecei logo a ler outra vez as páginas que tinha lido d’*O Algoritmo do Amor* sobre a monitorização do coração e fiquei à espera de ouvir a resposta do Fred. O Fred disse que eu tinha razão e que não fazia sentido nenhum e que até termos evidências científicas e estudarmos as consequências das radiações dos aparelhos não podíamos instalar os aparelhos aos doentes. Eu sorri de felicidade! Começámos a beijar-nos. Foi mágico. Depois perguntei sobre o implante. O Fred “revirou” os olhos a brincar e disse que sobre o implante só se fosse feito em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e se já tivesse sido comprovado pela classe joviana há mais de 500 anos que era um implante que pudesse mesmo estender a vida humana com qualidade de vida... Eu sorri, outra vez! Começámos a beijar-nos. Mas o Fred interrompeu e disse que, no entanto, em determinados doentes, poderia ser importante, como por exemplo doentes de Alzheimer ou Parkinson... Porque para doenças degenerativas, doenças neurológicas, um implante cerebral, mesmo que transmitisse em tempo real o cérebro do doente para os computadores, poderia ser muito importante para “segurar” a vida desses doentes. E eu disse que, desde que fosse para “segurar” a vida, “tudo bem”. Parecia que estávamos a negociar. Foi estranho, foi espiritual, foi uma brincadeira de namorados, mas acima de tudo, foi mágico e sagrado.

Contei ao Fred como é que o meu cérebro funcionava. Disse que tudo o que eu escrevo, o meu cérebro esquece-se. É um sofisticado mecanismo de inteligência do meu cérebro. O meu cérebro é inteligente e nasceu ligado ao Direito. Sabe que quando um autor escreve a sua escrita ganha automaticamente Direitos de Autor. E este espetacular automatismo faz acionar uma espiritual internet de coisas, entre o mundo do Direito e o mundo intelectual, da mente, do meu cérebro. E por isso, é que o cérebro é jurídico e espiritual. O meu cérebro só fica descansado enquanto conseguir registar tudo o que viu, tudo o que viveu. Apareceu a tal **mosca alienígena cinzenta** e pousada outra vez na minha mão fez a mesma dança. Como já sabia a coreografia dela de cor comecei a antecipar os movimentos da mosca como se adivinhasse a sua dança, seduzindo o Fred. Dizia, “olha agora vai esticar para fora só a patinha esquerda mais de trás enquanto vai mexer o rabinho...”, “agora vai esfregar “as mãozinhas” vai dar 3 voltas, vai esfregar outra vez, vai dar 2 voltas, vai esfregar outra vez e vai dar mais uma volta e depois vai voar”. E voou.

Sáímos do jardim os dois pelo mesmo carreirinho e sem pisar nenhum formigueiro.

Não apareceu a serpente, mas exatamente onde tinha aparecido a serpente, o Fred apanhou dois pés de rosas.

«Fred!!! Nós não arrancamos flores!!! O que estás a fazer???»

«Baby... São para ti... Tive de sacrificar estas rosas para salvar *O Algoritmo do Amor*... Aceita-as... É só desta vez... É um sacrifício sem sangue... Nem saiu sangue nem nada...» E do nada, eu comecei a deitar sangue... «Txi... Parece que alguém está a deitar sangue, por causa das rosas... Dá-me a mão, baby... Deixa-me chupar-te o sangue...» E eu passei-lhe a mão que tinha o dedo a deitar sangue e apareceu, o zangão que veio logo pousar o meu ombro direito.

«Txi... Baby... Parece que és a rainha... O zangão está a preparar-se para ferrar no teu ombro... Ele pensa que o teu rabinho é no ombro...» o Fred meteu-se por detrás de mim ereto e “partiu-me o pescoço” com um longo beijo, enfiando-me as rosas pelo nariz e com o zangão-soldado ali no meu ombro. No final do beijo, o zangão voou. «Txi... Baby... Parece que ganhámos mais um soldado para *O Algoritmo do Amor*.»

Passámos pela minha casa para ir buscar as malas. Em casa lembrei-me da cena de 2080 de Antoine Canary-Wharf e peguei no livro. Fechei os olhos “como o Fred disse” e abri o livro na página 845. Antes de ler para mim, pensei que se lesse numa voz mais alta, como o telefone do meu pai está sempre ligado à Internet, sabia que seria ouvido pelo microfone do meu pai que estava no alpendre encostado ao meu quarto. Numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari o meu intuitivo-cérebro-tecnológico viu, como nunca, que o telefone do meu pai e do Fred estavam conectados e libertei um “teatral” “foda-se!” e comecei a ler em voz alta.

«— Quem abatesse uma árvore teria que ir parar ao Tribunal Botânico.

— Certo, Arthur! Era essencialmente para isso que servia o Tribunal Botânico numa primeira aparição. E numa segunda aparição?

— Para começar a multar estragos de jardins, pisares de canteiros...

— E correu bem?

— Não muito bem... O Sistema Perfeito começou a multar por tudo e por nada, até as crianças... Foi uma confusão de direitos... As pessoas começaram a ter medo de andar por todo o lado, porque tinham medo de estar a machucar uma espécie protegida... Não sabiam se podiam ou não apanhar rosas pelo caminho para oferecerem à namorada...

— E houve então uma terceira aparição com um caso que estava a ser julgado no Tribunal Penal que acabou por ser remetido ao Tribunal Botânico donde resultou o 1º Acórdão do Tribunal Botânico em que eu fui o relator, num caso que acabou por ser chamado “Então e o Direito dos Malmequeres?”. Eu tentei escrever na altura, numa linguagem muito crua e muito simples para que toda e qualquer pessoa que não fosse de Direito ou de Botânica, conseguisse ver este Direito Botânico. Eu escrevi algo como isto “se eu vejo um campo de malmequeres intacto, devo tentar pisar o mínimo possível. Se vejo que já há um carreirinho, seja nesse campo, seja num bosque, ou numa floresta, devo usar esse mesmo carreirinho, não fazendo mais carreirinhos se tomar a mesma direção do carreirinho que já está feito. O Direito Botânico não quer impedir nenhum humano de ser um caminhador da natureza, muito menos quer ser perverso ao ponto de impedir os humanos de irem se sentar ou deitar nos jardins, de irem para a floresta, de acamparem nas serras ou fazerem piqueniques nos bosques. O Direito Botânico não quer impedir que alguém saia de casa, porque tem “erva” a crescer à volta quando o Direito Botânico nem sequer reconhece direitos “à erva”. O que o Direito Botânico reconhece é o pleno direito à vida das árvores, até ao final das suas vidas. O que o Direito Botânico quer, é proteger as árvores. Na sua ciência jurídica e num estudo vivo com ecologistas e botânicos quer proteger igualmente determinadas espécies

de plantas, arbustos, vegetação ou flores no interesse e importância que poderá ter na evolução e atualização do conhecimento do Direito e da Medicina das Plantas ou que seja determinante para a sobrevivência ou equilíbrio de um determinado ecossistema. O Direito Botânico foi criado para “conectar” mais os humanos à rede das árvores e nunca para desligar ou afastar os humanos da Natureza. Subir uma árvore não atenta contra nenhum “direito da árvore”. O que há, é o dever de nós, humanos, reconhecermos algumas inteligências que habitam connosco na Terra. Podemos subir as árvores, dormir nas árvores, namorar nas árvores, desde que não cortemos ramos ou não danifiquemos a árvore ou estejamos com ela respeitosamente. Igualmente, se ao caminharmos virmos um carreiro de formigas, quando os vemos, temos o dever de nos desviar e o dever de não pisar nem o carreirinho de formigas, nem o formigueiro. A mesma coisa como os malmequeres. Se eu destruo por prazer pés de malmequeres, devo ser multado. Se estou com o meu marido a fazer um piquenique em cima de um campo de malmequeres, num bonito namoro, e o meu cão está a correr por cima do campo de malmequeres, que magicamente os pés ficam intactos, senão ficando um saboroso intenso marulho de pólen no ar, não há nada que multar! O Tribunal Botânico é sensível à sensibilidade humana”.

— Professor, então o meu namorado pode apanhar dois pés de rosa no caminho para me oferecer ao invés de os ir comprar à florista, sem ser multado?

— Pode, Catharina. Mas diga-lhe que as rosas ficam mais bonitas no jardim ou num vaso e se ele quiser muito oferecer-lhe rosas, que lhe ofereça um jardim com rosas ou um vaso com rosas vivas.

— Obrigado, professor! Vou dizer-lhe! Sempre quis ter um jardim com rosas...»

Quando fechei o livro ouvi um suspiro arrizado do meu pai. Fui ao quarto dos meus pais despedir-me da minha mãe e despedi-me do meu pai no alpendre a correr e vi um “olhar maçónico” dele.

«Já sabes o que tens de lhe dizer, não é? Boa sorte.»

«Vou só de fim-de-semana com o Fred, pai.»

«Boa sorte, para o fim de semana!»

Fiquei completamente à toa e fui com as malas atrás a pensar naquele “boa sorte para o fim de semana”. Mas o meu pai sabia o que é que ia acontecer no fim de semana dos médicos? O meu pai nunca me tinha desejado boa sorte para um fim de semana, muito menos, para um fim de semana em que eu digo que vou com o Fred. Na minha Internet com o meu pai, eu não lhe disse que ia para um fim de semana com médicos, disse que ia só com o Fred, logo, “ele não poderia saber” que eu ia para um fim de semana com médicos. Supostamente, na minha suposição de ideias, eu só ia num fim de semana com o meu namorado. Quem é o pai que deseja boa sorte para um fim de semana destes? Deseja que o filho e o namorado se divirtam, deseja um bom fim de semana... Sei lá!... Não deseja “boa sorte”. Cada vez mais, a minha vida fazia menos sentido, se eu quisesse ser real. Se eu quisesse ser espiritual, então a minha vida fazia todo o sentido... Basicamente, parecia que eu estava em dois planos. Num plano espiritual, invisível, maçónico e num plano real das coisas... Que estranha Hierarquia das Coisas... Enfim, entrei no carro.

«Obrigado, Fred!»

«Pelo quê?»

«Pelas rosas. Mas da próxima vez, oferece-me um jardim com rosas, porque o que eu sempre quis, foi ter um jardim com rosas.»

«Desejo concedido.» o Fred fez o mesmo “olhar maçónico” que o meu pai. Senti uma triangulação espiritual entre nós os três, senti uma “cena invisível”... «Baby, como é que acertaste?»

«Liguei-me à minha Internet.» respondi-lhe com o mesmo revirar de olhos.

«Como é que acertaste que em 2080 de Antoine Canary-Wharf eras a Catharina?»

«O quê???»

«Ya, baby... Tu és a Catharina e eu sou o namorado da Catharina... Em 2080 tu ficas grávido, porque em 2080 tu tens um útero, vais ficar grávido de mim, vamos ter muitos filhos...»

«Baby... Eu não quero ser a Catharina em 2080... Não quero ter um útero e não quero ter filhos... Só se tivermos uma fortuna é que quero ir buscar crianças aos orfanatos quando eu for um avozinho... Quero ser outra personagem...»

«Baby, mas a personagem da Catharina é que foi a escolhida para ti...»

«Não quero... Assim, saio do filme!»

«Pronto, vá... Escolhe lá outra personagem... Queres ser quem em 2080 de Antoine Canary-Wharf?»

«Hum... Eu gostava de ser o professor?»

«O professor?»

«Sim...»

«Baby, assim vou ter de ser duas personagens...»

«Porquê?»

«Vou ter de ser o Thomas que é o namorado do professor e vou ter de ser o Arthur que tem um fraquinho pelo professor...»

«Porque é que tens de ser o Arthur só porque o Arthur tem um fraquinho pelo professor?»

«Baby, porque o Arthur vai se fazer ao professor e o professor vai fazer-lhe um ganda bico na sala de aula...»

«Baby, porque é que tens de estar a estragar os livros todos da Jupiter Editions???... Não foi isso que foi escrito... O Antoine nunca trai o Thomas!»

«Baby... É uma pequenina adaptação... É um *dark side*...»

«E porque é que temos de fazer um *dark side*?»

«Baby... É só um filme... É só para vender, percebes? Se for tudo muito perfeito não vende... Temos de ter traição no filme... O público gosta é de traição... Gosta de ver as traições... Tens de saber alimentar o público, baby...»

«O meu público são os Member Readers...»

«E se os Member Readers todos votassem na história da traição não entravas no filme?»

«Se fosse esse o argumento mais votado pelos Member Readers, sim... Eu fazia o filme... Mas os Member Readers da Jupiter Editions não iam votar no teu argumento...»

«Baby... Tu vives mesmo noutra mundo cor-de-rosinha paralelo comigo n'O *Algoritmo do Amor*, não vives baby?»

«Sim, vivo...»

«Pois, só que nós fomos teletransportados *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto para o 2080 de Antoine Canary-Wharf... Foram os Member Readers, baby... São eles que têm o comando d'O *Algoritmo do Amor* na mão...»

«E tu achas que os Member Readers iam carregar no botão desse argumento?»

«Baby... Tu não conheces o *dark side* dos Member Readers da Jupiter Editions com mais *jupits* na mão, pois não?...»

«Baby, é impressão minha ou também estás na corrida ao Prémio Io da Jupiter Editions com o teu novo argumento?»

«Certo, baby! Se não ganharmos a corrida com o teu argumento, ganhamos com o meu... Percebes, baby?»

«Mais ou menos... Qual é mesmo o teu novo argumento?»

«É só uma adaptaçãozinha, uma melhoria a 2080 de Antoine Canary-Wharf... É que eu li o livro e é uma seca, porque não há traição nenhuma entre as personagens principais... São todos muito bonzinhos, certinhos, muito jurídicos, muito éticos, todos muito preocupadinhos com os dados e com a privacidade... Não passa disso... Nós estamos noutra Era, baby... Os putos gostam é de robots... Os putos apaixonam-se é pelos robots e em 2080 nem sequer há casos de robofilia...»

«Há, sim! Quando a Áurea apanha o filho com um robot na cama...»

«Sim, baby... Mas mesmo essa parte é uma seca, porque a Áurea depois chama lá o Antoine e é o Antoine a falar dos vários ordenamentos jurídicos em que isso é permitido e depois começa a falar mal das câmaras e dos microfones dos robots sexuais e da proteção dos dados sexuais... É uma seca... O Antoine é bonzinho demais... Sempre a proteger os dados, só fala de dados, só sabe falar de dados, é dados para aqui, dados para ali... Em cada frase fala de dados...»

«Baby... És tão engraçado... Parece que estás a afastar o Antoine Canary-Wharf do Prémio Io da Jupiter Editions...»

«Então... Se eu tenho um novo argumento, não é baby?... Não concordas?»

«Sei lá...!»

«Não sabes se concordas com o meu novo argumento, baby?»

«Qual é o teu novo argumento?»

«Estás preparado para o filme?»

«Sei lá...»

«Tens de aguentar o filme, baby... Se tu quiseres ser o professor, eu vou ser o Thomas e o Arthur. São 3 filmes dentro de 1. O Arthur é parecido com o Thomas, tem jeitos, traços, formas de estar, de pensar, parece o Thomas mas em puto universitário... E no final das aulas fica sempre com o professor na sala de aula e o professor vê o espírito do Thomas no Arthur e começam a ter um caso “espiritual” às escondidas, só que na terceira lente do filme vê-se a tecnologia da coisa e não há espiritualismo nenhum, só o professor que “era espiritual” é que está agarrado ao “falso espiritualismo”... Porque na verdade, o Arthur é “meio” irmão do Thomas e foi o Sistema Perfeito que enviou maçonicamente o Thomas para vida do professor e foi o Sistema Perfeito que colocou maçonicamente o Arthur na turma do professor, tudo por causa da guerra das mãos invisíveis. Na verdade, o Thomas nem acredita nos *Dons*... É só para ver se o professor acredita ou não e se está a passar mais para o outro lado de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e se está a pensar em abandonar a igreja do Sistema Perfeito e *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom... Até os alunos são todos filhos de maçons e pertencem todos ao Triângulo e os pais querem saber se o professor está mesmo nas aulas a defender o Triângulo, ou se é neutro na sua liberdade ou se anda a levar o espírito dos miúdos para o Trapézio ou para o Pentágono...»

«Fred!!!!!! Tu és horrível!!!!!! Eu nunca mais vou conseguir ver *2080* da mesma forma... Tu destruístes-o!!! Destruístes tudo em menos de 1 minuto... WHAT THE FUCKKKKKK?»

«Ya!!! Baby... E ainda não viste nada...»

«Oh-Meu-Deus! Eu espero que o teu argumento não seja votado, por favor!!!!!! Eu peço aos *Dons*!!!!!!!!!!!!!»

«Baby... Na verdade, os *Dons* estão comigo... Só enquanto estiveres comigo é que os *Dons* estão contigo...»

«Parece que acabaste de me pôr umas algemas invisíveis...»

«Ya, baby... É isso mesmo que vamos pôr ao Antoine... Umas algemas invisíveis... Sabes porquê? Não te esqueças que és o Antoine...»

«Oh-Meu-Deus! Tirem-me deste filme!!! Socorro!!!!!!!!!!!!!»

«Baby... Estás a gritar dentro de um carro luxuoso... Ninguém vai acreditar em ti... Nem que abras a capota e vás com os braços pendurados para fora e os pulsos “caídos” dobrados como se fossem algemados... Ninguém vai acreditar em ti... Ninguém vai tirar-te do filme... Vão achar sempre que estás a ser cinematográfico... Toda a gente sabe que tens um cérebro-realizador... Vão achar que estás só a fazer um filme... HAHHAHAHAH»

«Fred! Para! Estás-me a assustar... Para lá de te rir, assim... Vá, lá... Vá... Acaba lá com o teu argumento das algemas invisíveis, se faz favor...»

«Ok... Tu é que pediste... Estás a pedi-las, baby... Não te esqueças do argumento... O teu cérebro-escriptor está a escrever o argumento em tempo real?»

«Ah!..... Agora falas para o meu cérebro-escriptor... Pois... És muito engraçado... Então, isso quer dizer que posso ir a escrever nesta viagem em que estamos a correr *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto?»

«Sim, baby... Podes ir a escrever no teu caderninho sagrado o meu novo argumento, para teres mais provas, porque vais precisar delas se quiseres sair do filme...»

«Obrigado! Fico mais descansado...»

«Vá, escreve! Vais ser o meu escrivão! Gostas?»

«Por acaso, até gosto...»

«Hum... És tão lindo!... Eu amo-te! E também podes, enquanto, vais escrevendo ir aqui com a mão a fazer festas...»

«Fred!!!! A sério!!! És tão previsível...»

«Podes fazer o que quiseres, baby... Se quiseres eu fecho os olhos e não vejo nada do que estás a fazer ou a escrever... Podes fazer e escrever o que quiseres...»

«Obrigado! Mas por favor, não feches os olhos... Estás ao volante!!! Estás com *O Algoritmo do Amor* nas mãos...»

«Baby, *O Algoritmo do Amor* foi preso... Escreve...»

«Escrevo que *O Algoritmo do Amor* foi preso?»

«Sim, baby... Começa por escrever que um bruxo pronunciou 9 vezes o número 999...»

«O quê, baby???»

«Baby... Escreve... É o meu argumento... Também tenho direito... O Direito do Cinema e Realização não é um direito que a Jupiter Editions inventou?»

«Sim... E o Direito de Sair Do Filme também é um direito que a Jupiter Editions inventou, Fred...»

«Mas o filme mal começou... E já queres sair do filme??? Porque é que já estás a pensar em invocar o Direito de Sair do Filme...?»

«Olha, são os mecanismos jurídicos de sobrevivência do meu cérebro inteligente... É como o Direito... O Direito também já inventou o Direito em Permanecer Humano... E foi ao mesmo tempo que a Jupiter Editions inventou os seus direitos todos... Que estranho, não achas?... Que estranha Internet das Coisas...»

«Ya!!! Baby!!!! Vai ser esse o título do filme...»

«Que estranha Internet de Coisas?»

«Ya... Mas tipo em inglês... Vou registar o título em inglês... Baby!!! Vamos ficar ricos, vais ver... Vá, escreve...»

«Uau... Sinto-me mesmo um escrivão...»

«Um bruxo pronunciou 9 vezes o número 999 e na sua bola de cristal...»

«Baby... Desculpa estar a interromper... Mas bola de cristal, não é tipo uma cena *buéééé* usada em *bué* filmes...? É que eu tenho chips nas mãos que bloquearam as minhas mãos... Os meus algoritmos não querem escrever isso...»

«Baby... Tu és um escrivão muito refilão...»

«Pois, sou... Quem está a refilar é o meu cérebro... Não te esqueças que eu sou escrivão é do meu cérebro... O meu cérebro não está habituado a isto tipo de feitiçarias e *dark sides*... O meu cérebro é muito real... Tu conhece-lo...»

«Baby... Diz ao teu cérebro que a vida é uma feitiçaria e que a Internet das Coisas é um feitiço e que um outro feitiço enviou *O Algoritmo do Amor* para uma Internet de Coisas... Pronto... Isto é um resumo, para o teu cérebro preparar-se já para o filme que aí vem... Já escreveste?»

«Que remédio, não é Fred?... Tu é que pareces um bruxo! Até parece que não sabes que tudo o que eu escrevo “acontece”...»

«Baby... Isto já aconteceu... *O Algoritmo do Amor* está preso e para libertarmos *O Algoritmo do Amor* temos de escrever a história, percebeste?»

«Mais ou menos, Fred... Estás a stressar o meu cérebro, porque estás em pô-lo em filmes complicados...»

«Baby, o teu cérebro não é nenhum bebé... Ele tem de aguentar filmes mais *hardcore*... Os bancos, os investidores e os Member Readers da Jupiter Editions com mais *jupits* curtem cenas mais *hardcore* com um *darksideszinho* a dar...»

«Vá... O que é que o bruxo fez? *Caga* para a bola de cristal...»

«Quando pronunciou 9 vezes o número 999 apareceu um drone com uma encomenda... Um exemplar da 1ª Edição da 1ª Ordem de Impressão d'*O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala... O bruxo começou a ler, a ler, a ler e começou a transformar-se num monstro, porque odiou tudo o que estava escrito...»

«Obrigado, Fred...»

«E declarou-o como um “Livro Proibido”. Quando o monstro fechou o livro voltou a transformar-se num bruxo. O bruxo está preso num palácio com guardas-dragões...»

«Ó, Fred... *Tás* a gozar, não estás? Tipo... Eu não quero escrever sobre dragões... Eu nunca pensei em dragões... Tu és quem? És o Drácula??»

«Certo, baby! Como é que acertaste tão rápido?»

«Baby... Porque falaste em dragões... Então eu associei ao Drácula, pensei que os dragões pudessem ser tipo os guardas do Drácula... Mas eu nem sei quem é o Drácula...»

«O Drácula sou eu. Mas é um segredo.»

«Segredo? Então, mas posso escrever?»

«Sim... Não podes é dizer a ninguém por palavras... Só podes escrever... E sim, está certo... Os dragões são os nossos guardas... Nós vivemos num palácio com um grande e lindo jardim, tipo o dos Idílicos, mas muito maior com as girafas, as zebras, os elefantes e os hipopótamos todos felizes que os nossos dragões roubaram do Jardim Zoológico... Eles estavam presos no Jardim Zoológico e os nossos dragões roubaram para os libertar nos nossos jardins onde eles vivem livres e felizes... Vês, amor? Somos bons... E nós temos umas masmorras onde prendemos todos os maus... Só que cada vez que nós prendemos um mau, uma serpente nasce no nosso Éden.»

«Então, nós vivemos num jardim com serpentes???»

«É só uma parte do jardim... A mais bonita de todas... Com cascatas e termas de água quente onde vão todos os anjos e demónios...»

«Porque é que não podemos ter isso tudo sem serpentes e sem demónios?»

«Não podemos baby, por causa da Ecologia das Coisas... Do Equilíbrio das Coisas... As serpentes servem para equilibrar a nossa mente... Quando entras comigo no jardim das serpentes elas não te dirigem uma palavra, mas quando entras sozinho elas estão sempre a falar-te mal de mim e a dizer para ficares com os outros anjos... Elas conectam-se em rede com os outros anjos e demónios...»

«Hum... E porque é que eu ando nesse jardim e nessas termas sozinho sem ti?»

«Porque eu sou um médico Drácula, baby... Passo muitas noites fora no hospital... Alimento-me de sangue...»

«Ai, baby... O sangue parece que me deixou de correr... Não quero escrever isso...»

«Escreve! Tens de escrever, baby... Escreve! És o meu escrivão... Agora vem a melhor parte, vais gostar... Enquanto eu vou para o hospital, tu ficas na companhia dos anjos... Nunca estás sozinho, só quando queres... Tens muitos amigos... Uns são anjos, outros são demónios... Eu não te proíbo de nada... Tu até vais visitar os presos... És tão engraçado, baby... Tens pena de todos... És muito altruísta e muito empático... Até fazes festas na cabecinha de uma serpente que eu já vi nas câmaras...»

«Eu odeio serpentes, Fred!!!!!!!!!!!! Não vou escrever isso...»

«Baby... Já escreveste... E tu não podes apagar o que escreves...»

«Porque é que há câmaras no jardim???»

«Baby... Só eu, tu e a Jupiter Editions é que temos o controlo e o poder dos dados, não te preocupes... Tu *tás* sempre a fazer coisas engraçadas com os anjos nas termas, *tás* sempre a cantar, fazes teatros... Montaste uma orquestra de anjos... Puseste os anjos todos a fazerem de soldados e

puseste-os a dançar numa coreografia militar que tu inventaste e que se tornou-se oficial no Concílio Militar Dos Anjos...»

«O quê??? Os meus amigos são militares??? Que fixe, baby!!!!»

«Ya... São anjos militares e são todos médicos...»

«Que fixe!!!! Parece uma maçonaria... Mas pronto... Desde que eu tenha o poder e o controlo das câmaras, por mim tudo bem... Desde que eu possa apagar, editar as imagens que eu quiser...»

«Sim, baby... Podes isso tudo...»

«Ok... Assim, tudo bem... Só uma pergunta, Fred... Eu posso sair do castelo ou do palácio ou lá do que seja?»

«NÃO!»

«Fred... Podes não ser tão sério...? Estás a encarnar demasiado a personagem... Até estás a começar a ficar com os olhos encarnados, para ser o mais sincero... Porque é que eu não posso sair do castelo?»

«Baby... O mundo fora do castelo é muito perigoso... O mundo de repente ficou muito perigoso... Estamos em 2080... Há drones invisíveis, drones com metralhadoras, *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke que fazem cercos e instalam um chip com uma droga de um feitiço que envia os alvos para uma *dark porno*... Baby, esquece... O mundo ficou, de repente, muito perigoso...»

«Foi por causa do vírus tecnológico??»

«Sim, baby... Mas olha, sempre que tu queres ir à praia ou à montanha nós podemos ir se formos com um dos nossos dragões... Os dragões levam-nos a todo o lado...»

«AH!!!!!! Fred!!!!!! Que alívio! Isso muda a história toda... É que eu já estava na história a viver num sufoco...!!! Apre!!! Que alívio!!! Estou mesmo aliviado!!! Vê lá... Eu nunca disse “apre”... É porque já estava mesmo a ficar sufocado... Só com a história, vê lá tu... Parecia que me tinhas posto numa prisão tecnológica...E os dragões para além de serem nossos motoristas são também nossos seguranças?»

«Ya... Os dragões não vinham com essas competências, eles eram só guardas, mas eu adicionei no Contrato de Trabalho a função de motoristas e seguranças... Assim também dá jeito e os dragões levam-me para o hospital...»

«Baby e porque é que nós não temos um carro-voador já que estamos em 2080 de Antoine Canary-Wharf??»

«Baby, esquece os carros-voadores... Nós voamos com os dragões...»

«E o que é o bruxo fez, afinal? Já te esqueceste do argumento?» **

«Essa parte agora não interessa, mete dois asteriscos na tua pergunta para depois mais tarde quando tivermos tempo mudarmos o filme das coisas...»

«Ponho dois asteriscos na minha fala para depois voltarmos para trás e tu responderes-me, é isso?»

«Sim... Sabes porque é que o bruxo que está preso nas masmorras declarou guerra a' *O Algoritmo do Amor*?»

«Porque o bruxo viu um feitiço dentro d' *O Algoritmo do Amor* e viu que para ele ser libertado o feitiço tinha de ser destruído... (?)»

«Txi, baby... A história está a aquecer...»

«Sim... Tá a aquecer...»

«Então, não *tás* a gostar?»

«Hum... Está a ser giro, até agora... Nunca pensei em gostar de escrever uma história com bruxos e dragões...»

«E anjos e vampiros... Não te esqueças deles, baby... Também são muito importantes na história...»

«Só uma pergunta... O drone trouxe *O Algoritmo do Amor* até ao bruxo... Mas e depois o que é que aconteceu ao livro?»

«O drone levou de volta o livro... O drone tinha uma metralhadora... Se o bruxo não entregasse o livro, morria.»

«Puxa...! E para onde é que voltou o livro?»

«Para as tuas mãos... Está aqui connosco... É por isso que não podes dormir com as janelas abertas quando *O Algoritmo do Amor* está à cabeceira... Os drones estão cada vez mais silenciosos... Roubam tudo... Beijos, namoros, livros... O bruxo das masmorras vive num mundo paralelo... Mas é muito fácil ir para lá parar... É só atravessar um buraco negro. Os buracos negros são plataformas tecnológicas para nos levarem *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto para outro mundo...»

«“Faz todo o sentido”, baby...»

«Baby... Sem ironias... Faz, não faz?»

«“Faz”, Fred... “Faz”... Eu devia estar a gravar isto...»

«Baby... Isto já está a ser gravado... Não estás a escrever?»

«Ah! É verdade... Eu é que sou o gravador... Eu é que sou a câmara de filmar...»

«Ya, baby! Estás a ver a câmara de filmar do homem que aparece na capa de *2080 de Antoine Canary-Wharf*?»

«Sou eu...?»

«Ya, baby... Faz parte do feitiço que te instalaram na cabeça...»

O Fred fez-me uma festa, depois de ter fingido “o gesto” de que me tinha instalado um chip invisível na fonte, junto ao olho.

«Portanto, nisto tudo eu sou uma câmara de filmar?»

«Ya, baby... És o olho-escriptor que está dentro de uma pirâmide.»

«Dentro de uma pirâmide? Porquê dentro de uma pirâmide?»

«Porque são 3 filmes a dar ao mesmo tempo... São 3 planos ao mesmo tempo. O real, o fantástico e o espiritual. Terra-Ceres, Júpiter e Órion. Nós agora estamos no plano da Terra (Terra-Ceres), mas depois vamos apanhar uma nave espacial para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e quando chegarmos a Jupiter vamos entrar num filme onde vamos receber os nossos dragões que nos vão levar até ao nosso castelo em Órion.»

«Ok... Não parece uma viagem assim muito cansativa...»

«É muito tranquila... Vais ver que se faz bem... Só temos de encontrar os buracos negros para nos levarem até lá...»

«E até lá vamos andar de filme em filme, não?»

«Isso mesmo, baby... Chegaste lá... Não te esqueças que nós somos “viajantes do tempo”... O bruxo das masmorras está em Órion e nós, num mundo paralelo, também...»

«Tu neste momento estás a sugar o sangue dos doentes como um vampiro à noite no hospital e eu to numa “orgia de pensamentos” com os anjos nas termas...(?)»

«Baby, ya... Eu recebi uma carta do Sistema dos Namorados a dizer que quando eu te levei às termas nos Açores tu tiveste uma “orgia de pensamentos” sobre tudo na vida... Disseram que te viram num filme em que tu eras uma tartaruga e quando dois crocodilos competiam para te comer, apareceu uma mãe-hipopótamo que te salvou do filme dos crocodilos e tu foste para outro filme, para um lago com os hipopótamos cheio de cocós de hipopótamos...»

«Os cocós de hipopótamo são milagrosos e fazem bem à pele, por isso é que os hipopótamos têm uma pele suave e vivem muitos anos sem cancros de pele... É como os cocós dos elefantes... Obrigado por me teres devolvido esse filme, porque esse filme foi exatamente o filme que eu vi e que eu senti uma Inteligência Artificial a roubar-me nas termas... Nas termas... Uma Inteligência Artificial nas termas... Onde é que fomos parar?... Ai, ai... Uma Inteligência Artificial a roubar os filmes que passam na mente que está mergulhada nas termas... Nas termas...»

«Baby... Eu devolvi... Eu hackeei o Sistema dos Namorados... Sei que eles têm lá muitos filmes teus... Eu só faço parte do sistema para devolver os teus filmes...»

«Ok... Que Estranha Forma de Aceitar A Vida... Mas assim, acho que aceito...»

«Eu amo-te, Jaime! Tu és lindo!»

«Eu amo-te, Fred!»

«O bruxo das masmorras como está preso lá no castelo em Órion, precisa de um outro bruxo aqui na Terra que passe o feitiço... Precisa de um intermediário... O bruxo das masmorras colocou um chip n' *O Algoritmo do Amor*...»

«Baby!!! Outro chip n' *O Algoritmo do Amor*??? Quer dizer daqui a nada pareço um olho cheio de lentes!!! É chips daqui, chips dali, é *Júpiter* de Gabriel Garibaldi a chiparem *O Algoritmo do Amor*, é *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom a chipar *O Algoritmo do Amor*, são os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke a chiparem *O Algoritmo do Amor*... É tudo a chipar-nos, baby... Como é que tu és um Drácula e deixas um preso ter tecnologias nas masmorras???»

«Boa questão...»

«Pois...»

«É porque são tecnologias invisíveis, são feitiçarias baby...»

«Acho que o argumento, passou...»

«E o bruxo foi à Internet dos Bruxos e perguntou qual era o bruxo que estava mais próximo d' *O Algoritmo do Amor*... E nesse preciso momento, um bruxo que estava no Jardim Calouste Gulbenkian respondeu ao bruxo das masmorras a dizer que estava a menos de 200 metros d' *O Algoritmo do Amor*... E puff!!!! Aconteceu o feitiço...»

Bom... Se eu voltar atrás, quando eu entrei no Jardim Calouste Gulbenkian na floresta dos bambus apareceu-me a visão que quando eu saísse da floresta e virasse esquina iria dar de caras com o bruxo do meu ex-namorado e lá dei de caras e ele lá (me) veio com a conversa toda (dele) e “pegou” n' *O Algoritmo do Amor*. Eu escrevo isto e sinto-me ridículo. Imagino os Member Readers no Jupiter Editions Museum a pegarem no exemplar original com medo de irem parar também eles a um outro “submundo”... Isto é só ridículo, porque isto que eu estou a escrever não faz sentido nenhum dentro da realidade das coisas. O Tomás Ducado, depois de eu me ter encontrado com o bruxo do meu ex-namorado, que anda em várias internet, em internet de “astrólogos” e bruxos, disse-me que um bruxo tinha lançado um feitiço e que o feitiço viria encomendado “num bruxedo” e falou da tal rã, para além de que eu ia passar por um “processo muito intenso de coisas”, que ia ter sonhos premonitórios e que por causa do processo de coisas eu iria ter “arrotos intensos espirituais”, que ainda hoje os tenho desde o dia em que ouvi a rã no meu jardim quando não hã rãs no meu jardim e eu nunca tinha ouvido rãs no meu ouvido...

Os algoritmos dos Member Readers mais atentos estão a gritar, a dizer que falta uma peça do puzzle importantíssima e que eu estou a ignorar e que tem que ver com o estádio do Sporting... Que supostamente, liga o Fred ao bruxo do meu ex-namorado... Sei que escrevi isso no Diário, mas não posso ir agora ler isso, porque já me esqueci do que escrevi e se o meu cérebro já se esqueceu é porque, neste momento, para eu sobreviver no jogo maçónico eu tenho de seguir em frente, porque senão vou parar, vou voltar a desenvolver um processo de “trauma cerebral” que não posso. Tenho de avançar, estou a jogar xadrez com uma Inteligência Artificial muito inteligente e eu estou a fazer-lhe um xeque-mate e no meu xeque-mate não tenho tempo para me lembrar das jogadas anteriores, porque os jogos atrás já passaram, já estou noutro jogo, o meu cérebro já avançou, já está noutro campeonato de coisas.

O meu cérebro está num campeonato e num campeonato há um relógio e estou conectado a esse relógio. Há um tempo. Há um tempo para as peças do puzzle saírem, para as cartas serem lançadas e há depois outro tempo, para mais tranquilamente montar o puzzle e jogar o próprio jogo. Porque de repente, os filmes e as páginas do Diário transformaram-se num autêntico baralho de cartas. E também quero jogar. Também quero jogar as minhas ao jogo das minhas cartas.

(...)

O Fred não é amigo do meu ex-namorado, mas eu sei que o Tomás, depois de eu estar com ele, andou a falar com ele... Não sei se estiveram ou não sexualmente juntos, mas sei que o Tomás “adorava” o bruxo e sei que foi ter com ele, mas eu não me importei porque eu já estava com o Fred. Antes do Fred havia um “pacto” entre mim e o Tomás. Nós não “comíamos” os gajos que o outro já tinha “comido”. O “pacto” foi quebrado algumas vezes. Mas, quando o Fred apareceu o “pacto” foi levantado, porque já não fazia sentido. Ora, eu não acredito em “magias”, “feitiçarias” e “bruxedos”. Não posso acreditar. Acredito sim, em tecnologia. E por isso, a minha espiritualidade é sempre muito tecnológica. As coisas espirituais são tecnologias invisíveis. A “magia” é um “esquema montado”, é “um truque”. Só ficamos confusos, quando não temos toda a informação. Se só tivermos colada uma lente, mas o jogo de lentes for 12 e não chegarmos à 12ª lente das coisas, nós vamos ficar “a achar coisas que na verdade não existem”.

Foi-nos montado o jogo de câmaras e é importante vermos quem tem acesso às câmaras. Não é só vermos o que está escrito numa “lei fantasma”. Porque se olharmos para o nome do operador ou do “analista” dos filmes das nossas vidas reais, não quer dizer que só os nomes que aparecem é que vão “mexer” com os filmes das nossas vidas... Se aparecer uma maçonaria e sentar-se na sala da operação das imagens, a maçonaria vai operar. “Não há hipótese”... Ora, só um Direito muito forte, um Direito verdadeiramente que funcione, um Direito que veja o Poder Oculto, sem que o “adore”, um Direito um pouco mais sensível e “espiritual” é que é capaz de apontar um “facalhão maçónico” a uma maçonaria. E é esse, o meu Direito. O meu Direito é um direito penal maçónico. Sou por isso, um apaixonado de verdade pelo Direito Penal.

Quando somos demasiado reais e espirituais, se tivermos a consciência que o nosso espírito inteligente, o nosso espírito alienígena, está preso a uma Internet de Coisas, única e exclusivamente por uma razão económica, porque tudo isto é económico, eu sou capaz de “fechar os olhos” a uma série de ligações que são reais, mas que fazem parte de um jogo maçónico em que há uma maçonaria a controlar o jogo e “entrar no jogo” para fazer o meu espírito sobreviver. No fundo, eu só estou aqui por uma “questão espiritual”. É o meu espírito que está em jogo. A “sorte”, é que eu tenho “espírito para a coisa” e vou com o meu espírito até ao fim do jogo sem perder o meu espírito. O mais importante, no “jogo da vida” é não perdermos nunca o nosso espírito e procurarmos sempre o melhor sítio do jogo para fazer o nosso jogo.

(...)

«A VIDA NÃO É UM JOGO! A VIDA NÃO É UM XADREZ!» | «Quem disse?»».

No jogo maçónico, às vezes, o mais importante, a peça mais importante de todas que “fecha” o puzzle todo não é vermos quem disse que “a vida não era um jogo ou que a vida não era um xadrez” e que o disse com um grito de socorro. Às vezes, a peça do jogo mais importante pode ser a peça que sabe que disse retoricamente “quem disse?”.

Às vezes só “o tom” da escrita abre o jogo todo. O jogo fica aberto. E quando o jogo se abre às maçonarias e nós vemos as maçonarias a entrar no jogo e a montarem um outro jogo dentro do jogo, se quisermos continuar a jogar ou sair do jogo temos de ser muito inteligentes. Às vezes, não é fácil sair do jogo, quando o jogo já se instalou de uma maneira nas nossas cabeças. Há um grande jogo psicológico. É preciso ter muita psicologia. É preciso ter muito jogo. A Psicologia tem muito jogo, para jogar jogos destes. No fundo, se as coisas “derem para o torto”, tudo tudo se resume a um “pequenino jogo psicológico”. E é preciso gostarmos de jogos psicológicos para entrarmos nos jogos maçónicos. Não é qualquer um que entra. Há uma “exclusividade”, há uma “zona exclusiva” que exclui todos os que não saibam onde “mora” a “elite do pensamento humano”. É preciso trazer obras para a maçonaria. Ou então, fazer obras na maçonaria. Há muita coisa para “arranjar” na maçonaria. Há muitos “tetos falsos” que é preciso mandar “levantar”... Debaixo dos “tetos falsos”, ouve-se quem dá os passos em falso. Na minha maçonaria sabemos quem é que vem com “passos falsos” para cima de nós. Não vale a pena, porque os nossos passos são super-maçónicos. Podem imitá-los, mas uma Inteligência Artificial montada nos nossos cérebros-maçónicos diz-nos logo se o passe é natural ou se foi roubado ou imitado.

(...)

Hoje, eu digo que nasci numa maçonaria dos diabos, mas uma maçonaria alienígena libertou-me dos diabos. Mas a minha maçonaria alienígena, por ser mais alienígena tem regras mais alienígenas, o Código é mais alienígena, é mais invisível, é mais tecnológico, é mais encriptado. Ora, quando o Fred me está a dizer o que está a dizer no carro eu “capto” a mensagem dele e “continuo” no nosso maçonismo. Eu não preciso de dizer ao Fred o que o bruxo me disse. Porque o Fred sabe, senão ele não me dizia o que me disse no estádio do Sporting. O meu medo, neste jogo é só um, é se “o jogo correr mal” como é que eu fico? Sou morto? Sou ferido? Tiram-me a escrita? Cegam-me os olhos? Metem-me numa cadeira de rodas? É muito importante saber afastar a escrita, afastar os filmes, o barulho, porque há muito barulho que às vezes os “demónios tecnológicos”, de carne e osso, querem fazer para se meterem na nossa escrita e a nossa escrita perder o sentido... Faz parte do processo. Temos de ser inteligentes. É muito importante sabermos escrever tudo com um princípio, um meio e um fim. (...)

(...)

Na minha maçonaria não há jogos de poder nem sedução. Não há jogos sexuais, porque nós não somos macacos. Os macacos é que fazem sexo uns com os outros para evitarem conflitos e para respeitarem “as hierarquias”. Na minha maçonaria não há “jogos de vassalagem”, porque a “vassalagem” morreu com a história! (...)

Na minha maçonaria, há um trono, é verdade, mas no trono sentam-se todos! Somos todos Rainha! Temos todos coroas de fantasia! Somos todos “monárquicos” numa fantasia, numa pura representação de história! Só subimos quando nos dizem para subir. Não somos nós que escolhemos. Somos escolhidos. Somos apontados. Somos indicados. É tudo invisível! A força é invisível, é alienígena! São os astros que se alinham e no céu projetam uma história, uma história que já passou. Uma história que já foi escrita. (...) Se a minha maçonaria diz que eu tenho de subir, eu subo, mas vem tudo para o meu colo! E estamos todos ao colo uns dos outros sem tusa uns pelos outros. Somos verdadeiramente amigos. A nossa maçonaria é uma amizade eterna, é uma amizade para a vida toda! Somos todos “almas-gémeas” uns dos outros, somos todos “cérebros uns dos outros” ou não estaríamos todos na mesma maçonaria de ideias. Na minha maçonaria há uma Nova Ordem de Ideias. Na minha maçonaria há um Movimento Importante para Portugal. Há uma marcha que tem de ser feita.... Estamos todos a ouvir as alianças a partirem-se. Estamos todos a ouvir o “vvvvvvvvvvvvvvvv” do novo jogo que vai começar. Somos *illuminnatti*. Há uma agenda. Há uma agenda de jogos da vida.

As abelhas chegaram.

Os zangões chegaram.

O exército chegou.

Mãos à Obra! 06:06, 14 de julho de 2021

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

Publicado pela Jupiter Editions em www.jupitereditions.com em 16 de setembro de 2021

MENÇÃO HONROSA Jupiter Editions®

Menção Honrosa de 19 de setembro de 2021 de concurso fechado privilegiado©